

## A CIBERLITERATURA E A EXPANSÃO DA LITERATURA NA CULTURA DIGITAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Raphaela Nicácio da Silva Lopes<sup>1</sup>  
Ivanda Maria Martins Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo investiga as mudanças nas práticas de leitura, a compreensão e a interação com os textos, diante da cultura digital. Nesse sentido o presente estudo tem como objetivo investigar a partir da revisão bibliográfica o fenômeno da ciberliteratura e a expansão da literatura na cultura digital. Para tanto, foi necessário analisar como o leitor do virtual interage com uma linguagem multimídia e executa ações para ler, desde a compra dos textos (e-books, por exemplo) até a apropriação física de um tablet, um smartphone ou um e-reader. Diante disso, verificou-se as transformações das práticas de leitura que são feitas em gestos e ações; a fragmentação da leitura frente às telas eletrônicas, o que resulta em uma totalidade da obra não mais visível materialmente. Além disso, foram observadas novas modalidades de publicação e uma redefinição da propriedade intelectual das obras que passam a ser livres e gratuitas. A partir do estudo podemos concluir que a cultura digital não está em oposição à cultura escrita, as novas estruturas tecnológicas do suporte material do escrito contribuem nas relações entre textos, autores e leitores contemporâneos.

**Palavras-chave:** Ciberespaço, Cultura digital, Ciberliteratura, Leitura, Linguagem multimídia.

### INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2023, uma pesquisa foi realizada pelo Panorama do Consumo de Livros da Nielsen BookData em parceria com a Câmara Brasileira do Livro. 16.000 pessoas foram entrevistadas por aplicativo de celular. Os livros foram o 4º bem de consumo mais comprado por brasileiros nos últimos 12 meses. Perdem para roupas, celular e brinquedos, respectivamente. Estão empatados com vinhos. O e-commerce concentra a maior parte (55%) das vendas, incluindo e-books e livros físicos.

Diante desse cenário, o livro digital não reduziu a força do livro impresso. Surge como uma alternativa e mesmo um aliado. “Como pensar a leitura diante de uma oferta textual que a técnica eletrônica multiplica mais ainda do que a invenção da imprensa?” (Chartier, 2002, p. 21). O presente artigo aponta as mudanças nas práticas de leitura, a compreensão e a interação com os textos, no contexto da cultura digital. Analisar como

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, raphaelanicacio@gmail.com;

<sup>2</sup> Doutora pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, ivanda.martins@ufrpe.br;

o leitor do virtual interage com uma linguagem multimídia, fragmentada, segmentada, descontínua, frente às telas eletrônicas.

Antes falávamos em “virar páginas”. O leitor de novos dispositivos “passa páginas”. Surgem como aliados dessa “leitura em gestos” os suportes físicos variados como o *tablet* (tela sensível ao toque que combina as funcionalidades de um computador), *smartphone* (telefone celular com recursos avançados que combinam funcionalidades de um computador pessoal com as de um telefone) ou um *e-reader* (dispositivo eletrônico que serve para ler livros digitais, também conhecidos como *e-books*).

Portanto, há uma substituição da materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico. Essas mudanças perpassam não apenas as práticas de leitura como também as técnicas de escrita e o surgimento de novas formas de publicação. “O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro” (Chartier, 1999, p. 88).

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa cujos dados foram interpretados por meio da abordagem qualitativa de caráter bibliográfica a partir dos teóricos Chartier, Genette, Kirchof, Lévy e Santaella. Após pesquisa bibliográfica no portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, Google acadêmico e Periódico Capes levando em consideração o período de 2000 a 2024.

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno (Richardson, 1999, p. 102).

A interpretação dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2011). Essa técnica é empregada para examinar e extrair significados de diversos tipos de materiais, tais como textos, documentos, entrevistas, discursos e imagens. O processo de análise de conteúdo compreende várias etapas interligadas. Inicialmente, o

pesquisador estabelece os objetivos da pesquisa e coleta os dados pertinentes. Na sequência, ocorre a fase de pré-análise, na qual os dados são organizados e as unidades de análise são identificadas. Posteriormente, acontece a codificação, em que trechos específicos dos dados são atribuídos códigos que representam conceitos ou temas. Esses códigos são então agrupados em categorias mais amplas, proporcionando uma organização mais abrangente dos dados. O cerne do processo é a análise dos dados, em que os pesquisadores exploram relações e padrões, em busca de insights e interpretações. Os resultados são interpretados à luz dos objetivos da pesquisa, respondendo às questões de pesquisa formulada.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Na abordagem de Genette (2010), o objeto (da poética) é a transtextualidade, ou transcendência textual do texto, ou seja ler literatura é descortinar os palimpsestos e as relações dialógicas/ intertextuais/ transtextuais, portanto um texto pode sempre ler um outro e quem ler por último lerá melhor. Essa noção do texto como um mosaico de vários textos leva-nos às seguintes considerações: escrever uma obra implica, antes, ler outras obras literárias, ou ler a realidade como obra. O ato de ler é anterior ao de escrever – o escrever é uma das formas de ler.

Todo objeto pode ser transformado, toda forma pode ser imitada, nenhuma arte por natureza escapa a esses dois modos de derivação que definem a hipertextualidade na literatura e que, mais genericamente, definem todas as práticas artísticas de segunda-mão, ou hiperartísticas (Genette, 2010, p. 126).

Pierre Lévy é um pesquisador francês pioneiro nas concepções como inteligência coletiva, ciberespaço, cibercultura e internet como um instrumento de desenvolvimento social. Mestre em História da Ciência com formação em Sociologia e Filosofia pela Universidade de Sorbonne, em Paris; Lévy (1999) declara que o ciberespaço – a rede digital conectada virtualmente a todos – proporciona a experiência do hipertexto ao não obedecer à estrutura linear sequencial de um livro. De uma palavra, salta-se para outra parte do documento. Um texto móvel que também pode anexar som, vídeo e imagem.

O usuário, navegador, participa tornando-se autor do texto através de suas escolhas. Essa participação do público também auxilia na ciberarte. O pesquisador afirma que o digital faz parte da realidade. Na linguagem, há dois planos: a realidade física (sons, significantes), e a informação semântica (significação dos sons, significados).

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (Lévy, 1993, p 33).

A pesquisadora 1 A do CNPq, Lucia Santaella, doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP e livre-docente em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP, trouxe a noção do ciberespaço como novo meio para a evolução da literatura. Esse contexto dinâmico e interativo viabiliza a literatura a adaptar-se aos novos recursos tecnológicos. “Com a entrada das outras linguagens, animações, vídeos e música nas redes, a literatura digital, a partir do final da segunda metade dos anos 1990, passou a fazer uso desses recursos multimídia” (Santaella, 2012, p. 234). De acordo com Santaella (2012, p.2), a ciberliteratura é então “aquela que nasce no meio digital”. Desse modo, o leitor virtual passa a interagir com uma linguagem multimídia que mescla simultaneamente com textos, imagens, vídeos, músicas.

A tecnologia digital não permite apenas “digitalizar” todo e qualquer texto já existente em suporte impresso ou utilizar diferentes plataformas de mídia para construir narrativas transmídia. Ela também permite “produzir” textos de maneiras antes impossíveis. Com inúmeros programas existentes, é possível criar textos híbridos e dinâmicos que mesclam recursos de hipertexto, multimídia, hipermídia, interatividade, agregando som, letras, imagens, movimento e possibilidades de ler utilizando múltiplas plataformas (Kirchhof, 2016, p. 208).

As inovações tecnológicas oferecem novos suportes literários hipermediáticos como os e-zines, vlogs, booktuber, podcasts, ciberpoemas, poesia digital, hiperficção, fanfic, blogs e sites literários. As redes sociais também ganharam destaque no processo de produção textual e divulgação da diversidade artístico-literária.

O historiador francês e professor, Charles Chartier, estuda sobre a revolução tecnológica e suas implicações nas relações entre autores, textos e leitores com foco em práticas socioculturais. Segundo o autor, há uma substituição da materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico. Com as tecnologias digitais, o leitor é considerado como coautor, já que ele pode interferir na obra que lê. A leitura, então, é fundida (ou confundida) com a escrita, com a participação e com a autoria. Uma leitura fragmentada, segmentada, descontínua, frente às telas eletrônicas (Chartier, 1999).

Em sua obra *Os Desafios da Escrita*, Chartier (2002) define as principais “mutações” do texto digital: A) transformações das práticas de leitura; B) novas modalidades de publicação; C) redefinição da identidade e da propriedade das obras. O autor ainda destaca que há uma cultura escrita em movimento, dividida em três eixos: escrita, leitura e publicação. A escrita inicia-se nos arquivos virtuais, nos computadores, e processos de edição de textos, sejam os feitos pelo próprio autor ou aqueles executados por preparadores, leitores técnicos ou mesmo revisores, passam a ter lugar nesse ambiente, o que apaga os vestígios da criação literária, por exemplo. Surgem novos espaços de prática de produção textual por meio de publicações eletrônicas independentes: blogs, vídeos, colunas em sites e mesmo redes sociais, PDFs ou ePubs.

Em entrevista à Revista Brasileira de História da Mídia, Chartier (2019) considera que existem subcriações digitais com a nova forma de autonomia dos segmentos textuais. Para ele o fragmento dá uma ideia que pertence a uma totalidade da obra. Enquanto o conceito de segmentos textuais reflete a nova forma de cultura escrita que pode associar, separar, vincular.

Resulta na autonomização dos fragmentos, que talvez não sejam mais fragmentos, porque um fragmento supõe que se perceba a totalidade à qual pertence um fragmento. E aqui a relação entre o fragmento — capítulo, parágrafo — e a totalidade da obra não é mais visível materialmente, a relação não se estabelece imediatamente entre o fragmento e o lugar no qual se podia encontrar esse fragmento na forma impressa. Quando essa relação estava visível através da materialidade do objeto, ninguém era obrigado a ler todas as páginas de um livro, mas a materialidade do objeto indica que, se se extrai um fragmento, esse fragmento desempenhava um papel particular, um

momento particular da narração, da demonstração, da argumentação, o que desaparece com uma leitura que se apodera de fragmentos sem buscar, sem pensar como necessária a relação entre o fragmento no seu papel particular e a totalidade da obra (Chartier, 2019, p. 228).

Os movimentos da publicação também passam pelos novos suportes: do códex aos formatos legíveis em *displays* (telas, mesmo que ainda imitem o códex) como o *tablet*, *smartphone* ou um *e-reader*. “As telas do presente não ignoram a cultura escrita, mas a transmitem”. (Chartier, 2002, p. 30). Com a publicação de livros digitais, o próprio escritor pode operar os elementos da edição de sua obra até a sua distribuição. Por meio de arquivos digitais, a distribuição evita uma etapa de deslocamento físico da obra, dispensando uma logística demorada e onerosa. As redes sociais surgem também como possibilidades de publicações ampliadas por escritores e editores do mundo inteiro.

Encerrando a tríade da cultura escrita em movimento, Chartier (2002) afirma que a leitura passa a ser feita em gestos. Antes o leitor era tratado como “passivo” ou “receptor” de “conteúdos” e falávamos em “virar páginas” de livros físicos. O leitor de novos dispositivos “passa páginas”, executa suas ações para ler, desde a compra dos textos (*e-books*, por exemplo) até sua apropriação física de um *tablet*, um *smartphone* ou um *e-reader*. O novo leitor vai pegar, ligar, abrir, passar páginas, lidar com cliques e o hipertexto, manter-se ou abandonar a leitura.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a abordagem qualitativa de caráter bibliográfica, a presente pesquisa apontou que a revolução tecnológica trouxe implicações nas relações entre autores, textos e leitores. Com base nos aportes teóricos, a noção de hipertexto tem uma relação de semelhança nos conceitos: todo texto derivado de um texto anterior – Genette (2010); texto móvel que também pode anexar som, vídeo e imagem – Lévy (1999); textos híbridos e dinâmicos que mesclam recursos de hipertexto, multimídia, hipermídia, interatividade – Santaella (2012); leitura fragmentada, segmentada, descontínua, frente às telas eletrônicas – Chartier (1999). O desafio do mundo digital é a possibilidade de transpor com antigos paradigmas ao propor uma ideia de que a escrita é polifônica.

A ciberliteratura permite uma linguagem multimídia, dinâmica que mescla simultaneamente com textos, imagens, vídeos, músicas (Santaella, 2012). Segundo Chartier (2002), a Revolução digital proporciona pluralidade de práticas de

leituras a todo momento para cada sociedade. Por sua vez, há um paradoxo do excesso da oferta do texto eletrônico diante do consumo pelo livro físico. Essa percepção revelou-se na pesquisa realizada pelo Panorama do Consumo de Livros da Nielsen BookData em parceria com a Câmara Brasileira do Livro. Ficou constatado que os livros foram o 4º bem de consumo mais comprado por brasileiros nos últimos 12 meses. O e-commerce concentra a maior parte (55%) das vendas, incluindo e-books e livros físicos.

Portanto, a revolução da leitura estaria na multiplicação da produção e na diversidade do acesso à produção que se transforma em algo prático. No mundo digital o leitor dispensa ir a uma biblioteca ou a uma livraria que é um espaço físico já que há a possibilidade de ler o livro em *display* eletrônico, frente a uma tela, que lhe dá mobilidade.

O movimento da cultura escrita também passa pela leitura e pela publicação. A escrita inicia-se nos arquivos virtuais e como consequência há um apagamento dos vestígios da criação literária. Há uma substituição da materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico. É relevante destacar que a publicação eletrônica elimina a ideia da obra fechada e de um autor singular. Nesse sentido, as transformações não são apenas nos suportes e nas relações com a produção, circulação e acesso aos textos, mas também a aceitação dessa obra como móvel e aberta. O leitor é considerado como coautor, já que ele pode interferir na obra que lê (Chartier, 1999).

Outra discussão válida é a noção de copyright e de propriedade intelectual. Diante das inovações tecnológicas, apostar na liberdade do leitor aceitando a mobilidade e a abertura dessa obra com uma comunicação livre, gratuita, dinâmica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O problema norteador desta pesquisa era buscar entender as mudanças nas práticas de leitura, compreensão e interação com os textos, no cenário da cultura digital. A partir do estudo ficou evidente que a substituição do códex pela tela não chega a ser uma ameaça. O maior inimigo da leitura não é a tecnologia. A “cultura digital” não está em oposição à “cultura escrita”. Compra-se livros impressos através do meio digital.

Há rupturas na ordem dos discursos no mundo eletrônico. Embora haja uma oferta muito grande no meio digital, o escritor mantém, em grande maioria, o seu desejo de

obter um livro impresso que possa seguir uma trilha analógica com a materialidade da cultura escrita: a do impresso. Logo, é interessante esse autor ter as duas publicações: impressa e digital já que as mídias têm funções diferentes. A ciberliteratura não chegou para fazer operações de diminuição ou divisão, mas para somar e multiplicar.

Como contribuição deste artigo, sugere-se proposição de futuros desdobramentos expor as diferenças entre as experiências dos leitores que entraram na escrita através do livro impresso e aqueles que iniciaram a partir de um contato desde a infância com o universo das telas eletrônicas. Por fim, como desafios desta pesquisa, destaca-se a limitação de informações sobre a indústria editorial no Brasil diante das inovações tecnológicas.

Portanto, a dificuldade da indústria editorial em criar produtos genuinamente digitais análogos a livros tem forte relação com uma dificuldade de abandonar modelos impressos de leitura. É essencial, sem dúvida, a necessidade de se “pensar digital”.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**. Entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GENETTE, Gérard. Palimpsestos. A literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

ROUXEL, A. (2012). Mutações epistemológicas e o ensino da literatura: o advento do sujeito leitor. **Revista Criação & Crítica**, 9, 13-24. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v5i9p13-24>

KIRCHOF, E. R. **Como ler os textos literários na era da cultura digital? In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 47, pp. 203- 228, jan./jun. 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTAELLA, L. **Para compreender a ciberliteratura. Texto digital**, Florianópolis, v.8,n.2,p.229-240. jul/dez. 2012.

Só 16% dos brasileiros compraram livros nos últimos 12 meses. **PODER360**, 27 de dez de 2023. Disponível em: [<https://www.poder360.com.br/brasil/so-16-dos-brasileiros-compraram-livros-nos->





ultimos-12-meses/]. Acesso em 27 out. 2024.

WOITOWICZ, Karina Janz. Entrevista com Chartier sobre: Práticas de leitura, plataformas digitais e dimensões do tempo: entrevista com Roger Chartier. **Revista Brasileira de História da Mídia**, VOL. 8 | Nº 2 | jul./dez. 2019